



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17134 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

DOCÊNCIA NA/PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR: FORMAÇÃO PARA A INOVAÇÃO OU PARA A MUDANÇA?

Renata Helena Pin Pucci - USF - Universidade de São Francisco

Thiago Antunes Souza - UNIFESP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Maria José da Silva Fernandes - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - FACULDADE DE CIENCIAS E LETRAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

DOCÊNCIA NA/PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR: FORMAÇÃO PARA A INOVAÇÃO OU PARA A MUDANÇA?

Trazemos ao debate, como objeto de estudo, a formação de professores no âmbito da Educação Superior. Há muito se discute a importância da formação pedagógica e didática para a atuação profissional docente nas universidades (Pimenta; Anastasiou, 2002; Cunha, 2010; 2022; entre outros), e defendemos a necessidade de iniciativas que ofereçam uma perspectiva crítica da educação e que possibilite ao profissional entender a complexidade do trabalho pedagógico, seus condicionantes políticos e sua dimensão coletiva. Neste contexto, buscamos compreender a relação entre a formação de professores, realizada nos programas institucionais destinados aos docentes das universidades estaduais paulistas, e a apropriação – ou questionamento – do discurso e das práticas associadas ao neotecnicismo pedagógico, especialmente no que tange à ideia de inovação.

Os dados aqui trazidos advêm de uma pesquisa financiada pelo CNPq, na qual buscamos compreender a presença do neotecnicismo pedagógico nas universidades estaduais paulistas. O estudo foi desenvolvido em três etapas, sendo a primeira delas o estado do conhecimento dos últimos vinte anos da literatura brasileira sobre o tema. Na sequência, buscamos compreender as políticas de inovação expressas em editais, publicados entre 2018 e 2021, destinados a esta finalidade e com impacto na formação e prática docente. Na terceira etapa, foco deste trabalho, entrevistas semiestruturadas foram realizadas, no primeiro semestre

de 2024, com a participação de profissionais designados pelas pró-reitorias de graduação das universidades. Propusemos que a entrevista se realizasse em forma de conversa, de modo que pudéssemos compreender como estes profissionais veem a universidade, os cursos de graduação e a formação docente ante ao neotecnicismo pedagógico e suas principais formas de expressão na atualidade.

Quando questionados sobre as mudanças mais recentes nas iniciativas de formação e na estrutura dos cursos de graduação, implementadas a partir da publicação de editais destinados à modernização e inovação, os entrevistados explicam se tratar de iniciativas localizadas e já encerradas, que se efetivaram a partir do contexto da pandemia. A justificativa de que algumas dessas mudanças foram propostas e implementadas na urgência de se pensar modelos que dessem conta do ensino emergencial, sem suficiente debate e articulação com a comunidade docente e discente, no período pandêmico, nos convoca à reflexão. Assim como aponta a literatura mais recente (como Saviani, 2020; Suanno, 2022), percebemos que o discurso hegemônico da eficiência e produtividade ganhou forças e tornou viável a implementação de ferramentas e estratégias que até então pouco adentravam a universidade. Se encaramos o neotecnicismo pedagógico como uma tendência educacional, a inovação é a palavra de ordem que viabiliza sua implementação.

Com iniciativas, mesmo que localizadas, de apropriação do neotecnicismo pedagógico, é preciso pensar como se dá a formação crítica e a apropriação dos princípios educacionais da instituição. Indo além das explicações dos editais, pareceu-nos que o atual movimento das universidades é de colocar a necessidade de mudanças em discussão. Percebemos que os entrevistados, quando utilizam a palavra inovação, nem sempre fazem referência à ideia de ruptura com as práticas vigentes, em favor de uma nova forma, mais adaptadas às exigências e tendências externas ao processo educacional. Por vezes, a inovação é utilizada como sinônimo de uma mudança necessária, dada a mudança dos padrões culturais, práticas sociais e condicionantes históricos.

Se a literatura nos aponta três grandes justificativas para a inovação educacional (única forma de superação do tradicionalismo, tentativa de atingir índices externos de qualidade e forma de reação ao fracasso e desqualificação docente), encontramos na fala dos entrevistados outras razões que se afastam destas. Para eles, as principais justificativas e fundamentos para a proposição de mudanças na formação e nas práticas em suas universidades são: i) acolhimento às demandas dos estudantes; ii) atualização dos conteúdos e métodos de modo a incorporar avanços científicos; iii) aprimoramento da prática docente, por meio da formação continuada.

Ao fazer referência ao acolhimento às demandas dos estudantes, argumentam que a universidade precisa se reorganizar, de forma inédita, para pautar debates identitários que até pouco tempo não ocupavam espaço no planejamento do trabalho pedagógico. A adoção de políticas afirmativas e de diversidade, bem como a maior presença de estudantes da educação inclusiva, exigem um novo olhar a partir da situação social dos alunos.

Quanto à atualização dos conteúdos e métodos, percebemos que há uma preocupação expressa na fala dos entrevistados, em incorporar os avanços científicos ao debate educacional realizado nos cursos de graduação, de modo a formar profissionais mais conscientes aos problemas da sociedade contemporânea e engajados na busca por soluções a essas questões.

Ao referirem-se ao aprimoramento da prática docente, os entrevistados mencionam a preocupação da universidade em oferecer suporte didático e pedagógico para que os docentes se familiarizem com as práticas de seu ofício, de modo a compreender como se dá o processo de ensino e aprendizado. É notório também que os dois apontamentos anteriores perpassam a questão da formação, pois é necessário envolver os docentes e oferecer acesso às teorias para que sejam capazes de acolher as necessidades de seus alunos e as especificidades dos cursos na atualidade.

Assim, inferimos que nas universidades parece haver um movimento de mudança e adequação às necessidades da comunidade, da produção do conhecimento e do mundo do trabalho. Reconhecemos, neste sentido, que diferentes condições históricas, sociais e culturais exigem mudanças. Destarte, a necessidade de mudanças na Universidade existe, como já ocorreu em outras épocas.

No entanto, a apropriação da palavra inovação nos discursos e editais não pode ser tomada como uma mera adoção de sinônimos. Inovar é diferente de mudar, pois o termo representa a incorporação de uma ideia gestada fora dos muros das instituições educacionais. Embora as justificativas para mudar apresentadas nas entrevistas sejam pertinentes, a revisão de literatura aponta para a popularização de um termo que remete a outra maneira de ver e entender a educação, que nos preocupa. Sinalizamos o risco de reduzirmos a necessidade de mudar, a uma compreensão neotecnista de inovação como atendimento a demandas. Entre as palavras ditas, há contradições e problematizações. Há, sobretudo, uma tensão entre o pensamento hegemônico e a manutenção da universidade com possibilidade de resistência e de criação contra hegemônica.

Palavras-chave: formação de professores; neotecnismo pedagógico; educação superior; inovação.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Isabel da. *Textos em Foco: docência, prática pedagógica e educação superior*. Curitiba: CRV, 2022.

CUNHA, Maria Isabel da. *Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças C. *Docência no Ensino Superior: construindo caminhos*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

SAVIANI, Dermeval. Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavírus e educação – o desmonte da educação nacional. *Revista Exitus*, Santarém, v.10, e020063, 2020.

SUANNO, Marilza Vanessa R. Entre brechas e bifurcações a didática segue em movimento e em contraposição ao neoliberalismo/neotecnicismo. *Cadernos de Pesquisa*, v.29, n.3, 2022.